

NOTA INTRODUTÓRIA

O BALANÇO DA ADMINISTRAÇÃO TRUMP II: A POLÍTICA EXTERNA AMERICANA NO PRIMEIRO ANO DE MANDATO

Diana Soller | Madalena Meyer Resende

O presente dossiê analisa o primeiro ano do segundo mandato do Presidente Donald Trump e o seu impacto nas relações dos Estados Unidos da América (EUA) com alguns dos seus parceiros. A ascensão política de Donald Trump em 2016 marcou uma mudança radical na política americana relativamente à ordem liberal internacional e, desde o início do seu primeiro mandato em 2017, o Presidente Trump traduziu a ideologia do «America first» (América primeiro) em políticas que visaram destruir a arquitetura institucional da ordem liberal. Assim, mais do que uma mera alternância de liderança, a ascensão de Trump reflete mutações estruturais na sociedade norte-americana e na forma como os EUA concebem o seu papel no mundo.

No seu regresso ao poder em 2025, Trump intensificou a revolução na política externa americana. A conjugação de nacionalismo económico, crítica às instituições multilaterais e de uma lógica utilitarista nas relações externas representa uma inflexão significativa face à tradição internacionalista que orientou grande parte da política externa americana desde 1945 (Ikenberry, 2001). Em apenas doze meses, Trump reintroduziu tarifas alfandegárias sobre parceiros, rivais e países inimigos, retirou os EUA do Acordo de Paris e da Organização Mundial da Saúde, reforçou a pressão sobre os Estados-Membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO, na sigla inglesa) para que estes aumentassem os seus compromissos de despesa militar e aproximou-se de Moscovo, contornando tanto Kyiv como as capitais europeias nas primeiras rondas de negociações sobre a Ucrânia. Uma vez que os EUA foram, ao longo de décadas, o principal garante da ordem liberal internacional, qualquer redefinição das prioridades estratégicas de Washington tem repercussões que extravasam o plano nacional e atingem a própria arquitetura dessa ordem (The White House, 2025; U. S. Department of Defense, 2026). É essa transformação que os seis artigos aqui reunidos procuram analisar, distinguindo os planos ideológico, estratégico, diplomático e institucional.

Ainda assim, é importante delimitar o âmbito da análise aqui proposta. O dossiê não oferece uma análise exaustiva das transformações em curso, ficando de fora temas centrais como a rivalidade sino-americana ou a evolução do multilateralismo económico

no âmbito das instituições internacionais (Chivvis, 2024; Wu et al., 2022). Optou-se por privilegiar quatro eixos de análise: a evolução da política interna americana, a doutrina de política externa, um teatro de conflito específico (a Ucrânia) e dois espaços de reconfiguração – os países emergentes, através do Brasil, e a Europa, através da Alemanha.

O primeiro artigo, «Notas sobre uma política interna americana pós-liberal», da autoria das coordenadoras deste dossiê, analisa as transformações ideológicas na política interna dos EUA e a crise do consenso liberal que estruturou grande parte da vida política do país ao longo do século XX. O artigo argumenta que os EUA estão a atravessar uma fase de polarização particularmente intensa, em que sectores tanto da direita como da esquerda desenvolveram tendências antiliberais e passaram a ver o adversário político como uma ameaça existencial ao regime. O texto situa as origens desta dinâmica na década de 1960, quando a revolução social deu origem a novas formas de contestação ideológica. Ao abordar o enfraquecimento do centro político e a radicalização do debate público, procura-se compreender como estas transformações alimentam projetos políticos que desafiam os fundamentos da ordem liberal americana.

Enquanto Madalena Meyer Resende e Diana Solter traçam o quadro mais amplo da erosão do consenso liberal e da polarização do sistema político americano, Filipe Nunes aprofunda uma das vertentes desse processo no seu artigo «A nova direita MAGA: antecedentes, ideias e protagonistas da corrente pós-liberal», mapeando o universo intelectual e político da chamada «nova direita pós-liberal». O autor defende que a tática utilitarista habitualmente associada à liderança de Trump não deve ofuscar a coerência da estratégia ideológica que se foi consolidando no seio da coligação republicana, em particular através de um sector católico iliberal forte e influente, cujas tradições intelectuais estão mais próximas das direitas europeias da época entreguerras do que da democracia cristã do período pós-guerra. Através da análise de figuras como Patrick Deneen, Adrian Vermeule e Oren Cass, bem como do papel central de JD Vance enquanto rosto político desta corrente, o artigo identifica os principais traços programáticos do movimento, nomeadamente o anti-individualismo, o reforço do poder executivo, o proteccionismo económico e a valorização das comunidades e tradições pré-liberais. É ainda discutida a formação de uma contraelite que procura reorientar as instituições do Estado e da sociedade em nome do «bem comum». Ao estabelecer paralelos com o catolicismo político da primeira metade do século XX, incluindo o caso português, o texto contribui para situar o trumpismo num arco ideológico mais amplo e duradouro, sugerindo que as transformações em curso poderão ter consequências estruturais para a democracia americana e, por contágio, para o equilíbrio ideológico das democracias ocidentais.

Partindo destas transformações ideológicas e do realinhamento do campo conservador, o artigo de Vasco Rato, «Trump e o fim da ordem liberal», analisa as implicações do trumpismo na política externa americana e na ordem internacional. O autor defende que a Presidência de Trump representa uma rutura com a tradição internacionalista que orientou a estratégia global dos EUA desde o período posterior à Segunda Guerra

Mundial. Nesse período, os EUA apoiaram uma ordem baseada em alianças duradouras, instituições multilaterais e um sistema económico aberto. A abordagem «America first», pelo contrário, privilegia uma lógica nacionalista e utilitarista, na qual os compromissos e as alianças são sobretudo avaliados em função da sua utilidade imediata para os interesses nacionais. O artigo em questão analisa as consequências desta mudança para a estabilidade e continuidade da ordem liberal internacional.

A dimensão estratégica desta reorientação é particularmente visível na gestão de conflitos internacionais. É esse o foco do artigo de Maria Raquel Freire, intitulado «A diplomacia de Trump para a Rússia e a Ucrânia: entre narrativas e práticas assimétricas», no qual a autora analisa a política da Administração Trump relativamente à guerra entre a Rússia e a Ucrânia. Raquel Freire examina as narrativas políticas e as práticas diplomáticas associadas à intervenção americana no conflito, identificando uma assimetria significativa na forma como a Rússia e a Ucrânia são abordadas no discurso político e nas iniciativas diplomáticas. A análise acompanha a evolução das negociações e das posições internacionais ao longo de 2025, discutindo igualmente as implicações destas dinâmicas para os princípios normativos que estruturam a ordem internacional contemporânea, nomeadamente o respeito pela soberania e pela integridade territorial dos Estados.

Se a guerra na Ucrânia ilustra o impacto da abordagem trumpista nos conflitos do espaço euro-atlântico, o artigo de Daniel Cardoso e Carmen Fonseca, intitulado «A Administração Trump 2.0 e o Sul Global: o caso do Brasil», desloca o foco para a relação entre os EUA e os países emergentes. Tomando o Brasil como estudo de caso, os autores discutem o «Sul Global» como uma categoria analítica que permite compreender as hierarquias e assimetrias que continuam a estruturar o sistema internacional. O artigo analisa a forma como a política externa da Administração Trump privilegia abordagens mais bilaterais e utilitaristas nas relações com as potências médias do hemisfério sul, bem como as estratégias de autonomia diplomática por estas desenvolvidas num contexto internacional cada vez mais competitivo e multipolar.

Por fim, o artigo de Alberto Cunha, «Europa, Alemanha e Estados Unidos da América no mundo de Trump: rutura ou continuidade, interdependência ou autonomia», considera as implicações do segundo mandato de Trump para as relações transatlânticas e para a posição estratégica da Europa. O autor questiona, em particular, o papel da Alemanha no debate europeu sobre segurança, defesa e autonomia estratégica, num contexto em que o compromisso dos EUA com a arquitetura de segurança europeia se tornou mais incerto. O artigo procura avaliar até que ponto as tensões recentes representam uma rutura profunda ou uma transformação gradual das formas de cooperação entre os dois lados do Atlântico.

Os textos aqui reunidos analisam, a partir de perspetivas distintas, um momento de inflexão na política internacional contemporânea, em que a erosão do consenso liberal nos EUA, a revisão da tradição internacionalista que marcou a sua estratégia global e as tensões no espaço transatlântico (Bergmann, 2025) se conjugam com a afirmação

de maior autonomia por parte dos países emergentes num sistema multipolar (Colby & Mitchell, 2020; Mitchell, 2022). Para a Europa, este momento traduz-se num duplo imperativo: assumir uma maior autonomia estratégica, com a Alemanha a ocupar um lugar central na arquitetura de segurança e defesa do continente, e garantir a continuidade dos princípios e instituições que sustentam a ordem liberal europeia, num contexto em que a tradicional garantia americana se tornou mais incerta (Heisbourg, 2026). No seu todo, os artigos mostram que as dinâmicas analisadas refletem tendências estruturais que estão a redefinir o equilíbrio do sistema internacional e o lugar que os EUA, a Europa e os países emergentes ocuparão nas próximas décadas. **Rel**

Diana Soller Investigadora no IPRI-NOVA e doutoranda em Ciência Política e Estudos Internacionais na Universidade de Miami, onde foi bolseira Fulbright. Foi assessora de estudos no Instituto da Defesa Nacional, é comentadora de política internacional na CNN Portugal e membro do European Council on Foreign Relations. Tem

publicado sobre ordem internacional, política externa das democracias e o papel das potências emergentes.

> IPRI-NOVA, Rua de D. Estefânia, 195, 5.º D.º, 1000-155 Lisboa, Portugal. dsolleripri@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0003-1587-7502>

Madalena Meyer Resende Investigadora no IPRI-NOVA, é professora associada de Relações Internacionais na NOVA FCSH e especialista em política europeia, nacionalismo e relações entre religião e política. Tem publicado extensivamente sobre nacionalismo, catolicismo e democracia no sul e no leste da Europa. Foi presidente da Associação

Portuguesa de Ciência Política e vice-presidente da International Political Science Association.

> Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – NOVA FCSH, Colégio Almada Negreiros, 1099-085 Lisboa, Portugal | madalena.resende@fcsb.unl.pt | <https://orcid.org/0000-0001-9521-245X>

BIBLIOGRAFIA

Bergmann, M. (2025, fevereiro 14). *The transatlantic alliance in the age of Trump: Coming collisions*. Center for Strategic and International Studies.

Chivvis, C. S. (Ed.). (2024). *U.S.-China relations for the 2030s: Toward a realistic scenario for coexistence*. Carnegie Endowment for International Peace. <https://carnegieendowment.org/russia-eurasia/research/2024/10/us-china-relations-for-the-2030s-toward-a-realistic-scenario-for-coexistence>

Colby, E. A., & Mitchell, A. W. (2020). The age of great-power competition: How the Trump administration refashioned American strategy. *Foreign Affairs*, 99(1), 118-130.

Heisbourg, F. (2026). *L'Europe face aux prédateurs: Forger la nouvelle puissance*. Odile Jacob.

Ikenberry, G. J. (2001). *After victory: Institutions, strategic restraint, and the rebuilding of order after major wars*. Princeton University Press.

Mitchell, A. W. (2022, fevereiro). *Strategic sequencing: How great powers avoid multi-front war*. The Marathon Initiative.

The White House. (2025). *National security strategy of the United States of America*. <https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2025/12/2025-National-Security-Strategy.pdf>

U. S. Department of Defense. (2026). *2026 National defense strategy*. <https://media.defense.gov/2026/Jan/23/2003864773/-1/-1/0/2026-NATIONAL-DEFENSE-STRATEGY.PDF>

Wu, C.-H., Gaenssmantel, F., & Giumelli, F. (Eds.). (2022). *Multilateralism in peril: The uneasy triangle of the US, China and the EU*. Routledge.